

# Fatos e fotos

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

*“... procurar a menor variante possível que pudesse transformar a mais surrada e a mais comum das frases jornalísticas em algo digno de nota.”*

EZRA POUND

**N**ão leio jornais, por falta de tempo e de interesse, mas sou abençoada por pessoas que me mandam notícias interessantes do mundo. A última me veio de um amigo que mora em São Paulo, Maurício, um intelectual consumidor voraz do noticiário, publicada num jornal da Rede Mirante, do Maranhão.

A foto mostra uma família celebrando um aniversário: papai e mamãe; filho mais velho, em torno de nove anos de idade, de pé ao lado da mãe; e a aniversariante, de um aninho, no colo do pai. Sabemos que seu nome é Pérola, porque está escrito na decoração do bolo.

Todos estão vestidos com roupas novas e a pequena usa um vestidinho branco sem mangas, sainha rodada, um grande laço na cabeça ainda sem cabelos e lacinhos menores nos sapatinhos, também brancos, calçados com meias dessas com vira de babadinho de renda.

Contra a parede, num círculo revestido de cetim branco meio amarrotado e um pouco franzido nas bordas, salpicado de borboletas cor de rosa, lemos *Minha inspiração*. Balões cheios de ar, brancos e rosa, completam a decoração da festa.

A família faz pose atrás da mesa onde se vê o bolo, desses servidos em pedaços dentro de uma caixa redonda, encimada por nuvenzinhas, coraçõezinhos e uma princesinha de olhos baixos e grinalda na cabeça. Além disso, docinhos em embalagens decoradas, balas em copinhos descartáveis, brancos, e uma jarra com um buquê de flores de plástico, azuis, brancas e fúcsia. O enquadramento permite ver parte de uma cadeira de plástico lilás. Tudo é muito simples e tudo é muito digno. Vê-se que a grana pode ser curta, mas sobra alegria, visível nos olhos e nos sorrisos de todos os personagens. Eles estão felizes.

Na parede ao fundo, vemos duas fotografias, parte da decoração da casa. Com um recurso, que era futurista ao tempo de *Blade Runner* e hoje está embutido em qualquer smartphone, vamos ampliar essas fotos.

A primeira mostra o mesmo personagem que na festa de aniversário é o pai: ele usa beca e capelo de formatura, gravata borboleta e faixa na cintura de cor verde – é um doutorando de Medicina. Face recoberta pela máscara exigida pela pandemia, seus olhos não deixam dúvidas: é o mesmo homem e a mesma alegria. Ele ostenta orgulhoso

o diploma, no canudo verde e prata. Ao fundo, o brasão da Universidade CEUMA, instituição privada de ensino superior no Maranhão. Quer dizer, estamos na presença de alguém que conseguiu pagar uma faculdade particular de Medicina.

A segunda foto também mostra o mesmo doutorando, igualmente paramentado com os atavios da formatura, mas ele está em outro lugar. Em vez do brasão da universidade ao fundo, ele está enquadrado entre duas novas fotos. Vamos ampliá-las também, entrando no terceiro círculo da imagem em exame.

Uma delas mostra o mesmo homem, agora com as vestimentas usadas pelos profissionais de saúde dentro dos ambientes mais reservados dos hospitais. Ele toca violão para os pacientes de uma unidade de terapia intensiva. Na outra, ele está dentro de um ônibus, também tocando violão. A plateia agora é de gente que circula pela cidade.

O texto da reportagem nos ajuda a completar as lacunas deixadas pelas fotos. Esse médico, de 33 anos, Joel Mistokles Luis da Silva de Macedo Vale é seu nome, morador da periferia de São Luís do Maranhão. Além de tratar seus pacientes com os recursos da Medicina oficial, também canta para eles, acompanhando-se ao violão, composições suas, inspiradas em sua fé num deus misericordioso. Essa poderia ser a legenda desta foto. A outra exige uma explicação mais longa, com no mínimo seis anos de duração.

Para sustentar a família e pagar a escola, além de madrugando com a esposa e preparar junto com ela os bolos, cuscuz e beijos, que ela vendia na porta da casa para os passantes interessados num café da manhã apressado, ele também cantava no ônibus, na ida e na volta da faculdade. Ao mesmo tempo, entregava mensagens edificantes para os companheiros de trajeto e vendia CDs com suas composições – ao preço que o interessado pudesse bancar. Na volta da faculdade, começinho da noite, vendia espetinhos de carne na brasa, na mesma calçada de casa onde se oferecia o café da manhã.

Assim chegou lá e hoje pode celebrar aniversários com a família.

Quando e se enriquecer, o que é mais do que provável, será tachado de burguês conservador e responsabilizado pelas mazelas da desigualdade social no país e no mundo. **❶**